



Gualter Furtado

Reflexão e algumas sugestões para a Ilha Terceira

“Falta uma política de transportes de acessibilidades internas e externas para a ilha Terceira, que permita a sua internacionalização e aproveitamento da sua centralidade e sempre numa lógica de Arquipélago e Região Autónoma”

A Ilha Terceira começa a ter uma sinalização de envelhecimento da sua população que trará problemas e desafios a não muito longo prazo, sendo preocupante o seu saldo natural (diferença negativa entre nascimentos e óbitos).

A Ilha Terceira é a segunda Ilha dos Açores com maior peso dos trabalhadores por conta de outrem, com origem no setor Público Regional dos Açores Alargado, no total da População Ativa da Ilha. Podem-se discutir as percentagens, mas é inegável esta tendência, o que atesta bem o peso público na atividade económica e social da Ilha. Se acrescentarmos os trabalhadores do Estado na Ilha (policías, tribunais, etc...) e os trabalhadores de outras Instituições Privadas, mas cujo financiamento em elevada medida depende do Setor Público Regional, então, este valor ainda é maior, deixando um espaço muito reduzido ao setor privado autónomo.

Existem alguns estrangulamentos na Ilha Terceira derivados de situações de monopólio e oligopólio, e que colocam alguns entraves no setor privado e designadamente no setor da Pecuária. No entanto, não se conhecem ainda alternativas viáveis a este constrangimento, sendo certo que nestes mercados as vendas e a forma como são feitas condicionam muito a produção. Refira-se que nos Planos Anuais do GRA, para a Ilha Terceira, e mesmo no Plano de Revitalização Económica de Ilha Terceira (PREIT) esta restrição não é formulada.

A questão das alterações profundas decorrentes de como os Norte Americanos passaram a encarar a Base das Lajes no atual contexto interno dos EUA e do seu novo enquadramento internacional, resultaram mudanças e impactos grandes no funcionamento da Base e no seu relacionamento com a economia, a sociedade Terceirense e até mesmo a Açoriana. Redução de pessoal empregue na Base, dos militares e familiares dos Norte Americanos, a que acrescem impactos diretos e indiretos na economia local e regional, esta situação foi diagnosticada e houve da parte dos diferentes níveis de poder dos Açores, uma resposta que pode ser sintetizada no PREIT. Quando nos anos 60 o Aeroporto da Ilha de Santa Maria perdeu a sua centralidade a resposta encontrada na altura foi a emigração. Quando tivemos o vulcão dos Capelinhos em 1957 a resposta que se concretizou foi também a emigração. Quando a Ilha Terceira foi atingida pelo sismo de 1 janeiro de 1980 a resposta encontrada pela Autonomia Democrática já foi diferente, recusando-se a emigração, “arregaçando-se as mangas...” e avançando para a reconstrução. Mas centremo-nos na atualidade e na Base das Lajes:

- O PREIT foi uma iniciativa positiva;
- Metodologicamente eu teria seguido outro caminho na construção do PREIT principalmente na sua formalização técnica e forma como são apresentadas as propostas. Com tanta proposta e



sem prioridades claras, corre-se o risco de comprometer a sua realização. Por outro lado, não existe um quadro síntese dos diferentes níveis de intervenção (EUA, Governo da República, Governo dos Açores e Municípios), nem uma quantificação exaustiva, e tem uma calendarização muito ambiciosa;

- No que respeita às referidas responsabilidades dos EUA e mesmo do Governo da República ainda não foram assumidas, embora neste caso alguma coisa já tenha sido concretizada, como a nova classificação e uso civil do Aeroporto das Lajes, e referenciado agora como Aeroporto Internacional, embora também aqui não exista consenso sobre se este processo já está ou não concluído;

- Em termos de prioridades das medidas elencadas elas deviam apontar claramente para a criação de riqueza da ilha e fomento de emprego, um caminho de sustentabilidade que só pode ser alcançado também com um setor privado eficiente e rentável, e isto não é assumido;

- Ausência de medidas concretas para fomentar o Mercado Interno dos Açores. Parece-me que este PREIT está muito virado para a Ilha, isto é, está elaborado numa ótica de autarcia, quando deveria estar também virado para o exterior;

- Desconheço se a anunciada Comissão para monitorizar a implementação deste PREIT já está a funcionar?

Falta uma política de transportes de acessibilidades internas e externas para a ilha Terceira, que permita a sua internacionalização e aproveitamento da sua centralidade e sempre numa lógica de Arquipélago e Região Autónoma. É importante que seja encontrada para o Porto da Praia da Vitória,

de uma vez por todas, uma funcionalidade que o rentabilize e resulte em valor acrescentado líquido para a Terceira e para os Açores. Devo acrescentar que as infraestruturas mais importantes nas acessibilidades externas na Ilha Terceira e que são o Aeroporto e o Porto da Praia da Vitória, são infraestruturas condicionadas pelo estacionamento e presença militar das Forças Armadas Portuguesas e Americanas na Ilha, isto é, as funcionalidades que forem encontradas para estas infraestruturas terão de ter em conta sempre esta realidade.

Finalmente, não deixo de observar e registar com alguma mágoa que, a tão almejada unidade regional e que era um ponto de rutura da Autonomia com o passado ainda não tenha sido alcançada. Enquanto prevalecer a mentalidade e prática de pensar e agir nos Açores como um somatório de Ilhas isoladas, em detrimento de uma Região Autónoma construída a partir de 9 Ilhas e no respeito da sua diversidade, mas formando um todo, não vamos longe. Nunca os Açores receberam tantas Transferências Externas Financeiras como nas últimas 2 décadas, e resultado da concretização da nova Lei da Finanças Regionais, dos Fundos Comunitários, a que acresce algum endividamento, a que deveria corresponder um quadro de desenvolvimento sustentável sem precedente e em detrimento de inegáveis melhorias de Bem-estar conjunturais.

(Conclusão da comunicação “Um Retrato da Ilha Terceira num Arquipélago de Desafios”, apresentada em conferência, no dia 18 de Março, na Ilha Terceira, a convite do Rotary Clube de Angra do Heroísmo)